

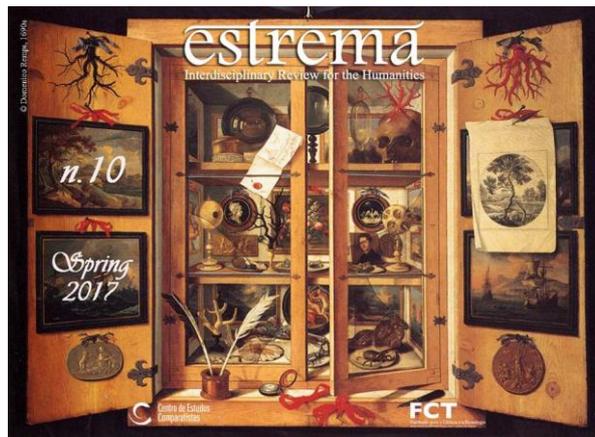
estrema

Revista Interdisciplinar de Humanidades

Interdisciplinary Review for the Humanities

Para citar este artigo / To cite this article:

Rocha, Darislânia. 2017. "Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados". *estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades* 10: 82-99.



Centro de Estudos Comparatistas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centre for Comparative Studies

School for the Arts and the Humanities/ University of Lisbon

<http://www.estrema-cec.com>

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados

Darislânia Rocha¹

Resumo: O presente artigo faz uma análise do conto “A terra dos meninos pelados” (1939), do autor alagoano Graciliano Ramos. Parte-se do pressuposto de que Tatipirun se configura como um espaço utópico de aceitação para uma personagem infantil, visto que o “mundo real” lhe era hostil. A terra em que todos os caminhos são certos parece perfeita aos olhos de Raimundo e, neste espaço construído, a personagem busca a realização do seu desejo. Ao criar o mundo imaginário do país de Tatipirun, Raimundo parece tentar tamponar a falta inerente ao humano e que é materializada na narrativa por intermédio da diferença, da ausência de cabelos e de um olho preto e o outro azul. É, pois, por meio da construção de um universo utópico que se oferece à personagem a possibilidade de se lidar com a falta, com a angústia diante da diferença e com a necessidade de suportá-la.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. Angústia. Utopia. Diferença.

Abstract: This article makes an analysis of the tale “A terra dos meninos pelados” (1939), by the Alagoan author Graciliano Ramos. It starts from the assumption that Tatipirun is configured as a utopian space of acceptance for a childlike character, since the “real world” was hostile to him. The land where all roads are right seems perfect to Raimundo’s eyes, and in this built space, the character tries to make his desire come true. In creating the imaginary world of Tatipirun’s country, Raimundo seems to attempt to make a quick fix to an inherent lack of humanity, which is materialized in the narrative through difference, absence of hair and a black eye and a blue eye. It is through the construction of a utopian universe that it offers a chance to deal with absence, with anguish before difference and with the need to bear it.

Key words: Graciliano Ramos. Anguish. Utopia. Difference.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Cidade de São Paulo, Mestra e Doutoranda em Letras e Linguística – Estudos Literários – pela Universidade Federal de Alagoas.

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

*Quando meus olhos
estão sujos de civilização,
cresce por dentro deles
um desejo de árvores e aves.*

Manoel de Barros

A epígrafe que abre este trabalho me fez pensar acerca da necessidade que temos, quase constantemente, de criar algo novo para escapar da incompletude que nos cerca. Os estudos psicanalíticos nos ensinam acerca da falta intamponável inerente ao humano e que, simultaneamente, o incita à busca. Por outro lado, os estudos da utopia nos falam sobre a incorporação de um mundo desejado, ou melhor, da incorporação da *esperança no novo* por meio de um tensionamento e um questionamento da ordem estabelecida: trata-se da não aceitação do mesmo.

Consoante com essas considerações, ao mergulhar na aventura de Raimundo pela *Terra dos Meninos Pelados*, de Gracialiano Ramos, deparei-me com a singela construção de um espaço de aceitação por parte de uma personagem infantil, visto que o “mundo real” lhe era hostil. Lembro que Raimundo é um menino “[...] diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados. dele [...]” (Ramos 2014, 7)². Apesar de ter se acostumado com os apelidos e, aparentemente não se zangar com eles, a não aceitação tem um impacto na criança: “Raimundo entristecia e fechava o olho direito. Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura” (TMP, 7).

No conto infantil *A Terra dos meninos pelados* (1939), o autor alagoano Graciliano Ramos expõe uma realidade de imaginação e fantasia, na qual Raimundo cria e foge para o mundo mágico de Tatipirun. Neste espaço fantasiado, todos se assemelham a ele e as diferenças não são sinônimo de zombarias. Como não tem com quem se entender no mundo real, Raimundo fala sozinho, enquanto “[...] desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul” (TMP, 8).

E é para Tatipirun que a criança foge, entristecida com as brincadeiras de mau gosto das outras crianças que a rodeiam: “Encolheu-se e fechou o olho direito. Em seguida foi fechando o olho esquerdo, não enxergou mais a rua. As vozes dos moleques desapareceram, só se ouvia a cantiga das cigarras. Afinal as cigarras se calaram” (TMP, 9).

De olhos fechados, Raimundo enxerga um novo mundo, no qual ele não tem que se encaixar: o espaço toma sua forma, a nova terra molda-se ao menino, que passa a ver todas as coisas estranhas que outrora imaginou:

Foi andando na ladeira, mas não precisava subir: enquanto caminhava, o monte ia baixando, baixando, aplanava-se como uma folha de papel. E o

² A partir desse excerto, todas as referências ao conto em análise são identificadas pelas iniciais TMP, seguidas do número da página. A referência completa se encontra ao final do artigo.

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

caminho, cheio de curvas, estirava-se como uma linha. Depois que ele passava, a ladeira tornava a empinar-se e a estrada se enchia de voltas novamente. (TMP, 10)

No novo mundo, a personagem se depara com carros, árvores e animais falantes, uma laranjeira sem espinhos e a aparente impossibilidade de se machucar. É a terra do sonho, da fantasia, e a narrativa se assemelha a um relato onírico:

Mas o automóvel piscou o olho preto e animou-o com um riso grosso de buzina:

– Deixe de besteira seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém. (TMP, 11)

.....
– Em Tatipirun ninguém usa espinhos, bradou a laranjeira ofendida. Como se faz semelhante pergunta a uma planta decente? (TMP, 12)

A terra em que todos os caminhos são certos parece perfeita aos olhos do protagonista e, neste espaço construído, a personagem busca a realização do seu desejo. Ao criar o mundo imaginário do país de Tatipirun, Raimundo parece tentar tamponar a falta – inerente ao humano – e que é materializada na narrativa por intermédio da diferença, da ausência de cabelos e de um olho preto e o outro azul. Lembro, aqui, que sempre há algo que escapa ao sujeito e é exatamente essa falta que estrutura o desejo³, mola propulsora da existência de todo ser de linguagem.

Esta ideia fica clara quando observamos a construção da narrativa. Em Tatipirun, as crianças são diferentes umas das outras, mas possuem a mesma marca que diferencia Raimundo das outras crianças do mundo real:

³ Na concepção freudiana, o *desejo* é um dos polos do conflito defensivo. Laplanche e Pontalis afirmam que o desejo inconsciente tende a se realizar restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. O desejo, portanto, refere-se à falta que nos coloca em busca de um objeto perdido. Somos, inevitavelmente, sujeitos desejantes (Laplanche; Pontalis 2004, 113 – 114).

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

Raimundo deixou a serra de Taquaritu e chegou à beira do rio das Sete Cabeças, onde se reuniam os meninos pelados, *bem uns quinhentos, alvos e escuros, grandes e pequenos, muito diferentes uns dos outros. Mas todos eram absolutamente calvos, tinham um olho preto e outro azul.* (TMP, 15-18, grifos meus)

Neusa de Carvalho em *A viagem sem fim pelas terras dos meninos pelados: uma leitura psicanalítica*, aponta que, na narrativa em questão, os diálogos desenvolvidos possibilitam à personagem a convivência com o seu conflito (marcado pela diferença física), e as outras crianças aparecem no texto como seu duplo, uma espécie de projeção de si mesma e daquilo que a angustia:

A projeção de Raimundo nas outras personagens se dá, então, pela oposição ou pela identificação, funcionando as crianças do mundo imaginário como o seu duplo, o outro: isso lhe possibilita o diálogo com o seu contrário, e, conseqüentemente, consigo mesmo, uma vez que essas personagens são projeção dele próprio. (Carvalho 1992, 181)

Dito de outro modo, sem conseguir interagir no mundo real, Raimundo cria um espaço imaginário no qual projeta suas angústias em outros seres, a fim de lidar com elas. Desta forma, não sucumbe à angústia, afeto inerente à existência humana, ao passo que menospreza o lugar de onde veio, Cambaracá – nome atrapalhado que inventa para a cidade dele: “– É isso mesmo. *Uma terra de gente feia, cabeluda, com olhos de uma cor só*” (TMP, 20, grifos meus). Sobre a angústia, Zeferino Rocha nos ensina que: “[...] é um dos problemas fundamentais da existência humana, que todos nós, quando não somos interrogados sobre sua natureza, sabemos o que é; mas, uma vez interrogados, quase nada sabemos a seu respeito” (2000, 16).

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

Segundo a teoria psicanalítica, a angústia apresenta-se como um sinal de perigo, que põe em movimento o recalque⁴ e cuja sede real é o próprio ego⁵. O ego, como sede da angústia, não apenas a sofre, como também a produz como uma defesa contra uma situação traumatizante.

A angústia é apresentada na teoria freudiana como um demarcado sinal de alarme, motivado pela necessidade do ego de se defender da iminência de um perigo, geralmente interno. Este afeto se apresenta, portanto, como uma reação à ameaça da perda, à ameaça de separação de um objeto amado e fortemente investido.

Além disso, a angústia tem um caráter de desprazer, aparece acompanhada de diferentes sensações físicas e está vinculada à presença de um fator histórico: “[...] a [angústia] surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete” (Freud 1926 (1925), 131). Jacques Lacan, por sua vez, afirma que a angústia diz respeito a um afeto da ordem da perturbação e da estranheza, que tem estreita relação com o que é um sujeito, ou seja, com o seu assujeitamento ao Outro.

Pode-se afirmar que a angústia surge quando algo está por acontecer e esse algo apresenta a possibilidade da diferença na vida do sujeito

⁴ Para a teoria psicanalítica, é o processo de recalçamento – por meio do qual se mantém inconscientes representações ligadas a uma dada pulsão – que funda o aparelho psíquico em inconsciente e consciente. Porém o processo de recalçamento não aniquila as representações recalçadas, que subsistem no inconsciente e podem retornar à consciência. Ver Laplanche; Pontalis 2004, 430– 435.

⁵ A segunda tópica freudiana acerca do funcionamento do aparelho psíquico postula a existência de três instâncias: Id, Ego e Superego. O Ego possui partes conscientes e inconscientes e funciona como uma espécie de mediador entre os desejos do Id e as exigências do Superego. Além disso, do ponto de vista dinâmico, ele representa o polo defensivo da personalidade e surge como um fator de ligação dos processos psíquicos conscientes e inconscientes, sob a forma de sonhos, chistes e atos falhos. Ver Laplanche; Pontalis 2004, 124 – 138.

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

angustiado. O que angustia é a possibilidade que o sujeito possui de efetivar suas possibilidades. Além disso, a angústia se diferencia do medo, pois não tem um objeto determinado. É, segundo Kierkegaard, “[...] a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (2011, 45). Trata-se do afeto que surge diante da liberdade, da possibilidade que o humano tem de escolher e, conseqüentemente, confrontar-se com o próprio destino/desejo.

Sendo assim, é possível afirmar que em *A terra dos meninos pelados* é no confronto com sua angústia que a personagem cria um novo mundo. Em Tatipirun, o que faz Raimundo diferente no mundo real é visto de forma pejorativa, e a personagem parece transferir para o mundo imaginário o preconceito diante do novo que vivencia enquanto está de olhos abertos. Este vício do mundo real fica claro também quando a personagem reage às risadas das outras crianças ao confundir Caralâmpia – a menina princesa – com uma laranjeira: “Raimundo levantou-se trombudo e saiu à pressa, tão encabulado que não enxergou o rio” (TMP, 21). É preciso que o tronco, atrás do qual se esconde, lhe traga de volta à realidade de Tatipirun: “– Deixe de tolice, criatura. Você se afogando em pouca água! As crianças estavam brincando. É uma gente boa” (TMP, 21).

Percebo, no decorrer da narrativa, que a diferença não é o maior problema de Raimundo. O maior problema é a forma como os outros reagem à diferença e o que esta reação causa no garoto. Diante do preconceito e da não aceitação, Raimundo cria um novo espaço, um cenário no qual é aceito – apesar da diferença – o que pode ser caracterizado como aquilo que Ceserani chama de *passagem de limite de fronteira*, uma passagem do familiar e do costumeiro para o inexplicável e perturbador:

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

[...] passagem de limite, por exemplo, da dimensão da realidade para o sobrenatural, do pesadelo ou da loucura. O personagem protagonista se encontra repentinamente como se estivesse dentro de duas dimensões diversas, com códigos diversos à sua disposição para orientar-se e compreender. (Ceserani 2006, 73)

Tatipirun se configura, pois, como essa passagem para um universo fantástico, que coloca o protagonista em contato com o *Unheimlich*, esse estranho familiar que provoca medo e horror e, ao mesmo tempo, coloca o sujeito em contato consigo. Ao viajar por Tatipirun, ambiente no qual os outros seres se assemelham a ele, Raimundo não esquece as particularidades do mundo real, ao tempo que esta viagem conduz a personagem ao centro de sua própria existência.

A estranheza, aquilo que foge à norma, assemelha-se ao *Unheimlich* freudiano, ou seja, ao que é estranho e, ao mesmo tempo, familiar. Para Freud, a expressão *Unheimlich* significa algo inquietante e ameaçador e diz respeito àquilo que deixa o sujeito sem defesas diante do desconhecido. O *Unheimlich*, a estranheza, perpassam o campo do medo, o campo da irremediável angústia, o campo inapreensível do Real, enfim, o campo do humano: “[...] esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de recalçamento” (Freud 1919, 258).

Dito de outro modo, por meio dos olhos da imaginação, em *A terra dos meninos pelados*, Graciliano Ramos nos expõe o sonho de uma viagem imaginária e nos apresenta um lugar utópico, que coloca a personagem principal em contato consigo, com o que lhe falta e incomoda, o que corrobora a fala de Foucault quando este diz que “[...] as utopias consolam,

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço maravilhoso, abrem cidades e vastas avenidas, jardins bem cultivados, países fáceis, mesmo que o acesso a eles seja quimérico” (1968, 6). Neste sentido, é a imaginação que torna a utopia de Raimundo possível: trata-se da criação de uma sociedade que não existe, mas que se considera ideal, na qual as diferenças são respeitadas e ninguém se sente mal por não ser igual.

Se, como bem ensina Ruth Levitas, a “[...] utopia é a expressão daquilo que falta, da experiência de ausência em qualquer dada sociedade ou cultura” [...] (2001, 27), a experiência de Raimundo pelo universo de Tatipirun coloca a personagem em contato com o que lhe falta no mundo real e, simultaneamente, caracteriza o anseio por um mundo melhor, construído a partir do sonho e da fantasia – numa tentativa de resolução dos seus problemas.

É importante mencionar que a abertura à construção de uma nova realidade – que se dá por meio do ato criativo – não é passiva ou se caracteriza como resignação. A utopia é crítica, já que “[...] até mesmo a mais compensatória das fantasias utópicas tem alguma função crítica, uma vez que articula o senso de que o presente é insatisfatório” (Levitas 2001, 29).

Consoante com esta afirmação, em *A coerência na literatura infantil de Graciliano Ramos*, Maria Heloisa Melo de Moraes afirma que as produções do autor alagoano que se destinam ao público infanto-juvenil apresentam a mesma proposta ideológica que caracteriza a sua literatura para adultos, com “[...] a opção por temas universais, questões sociais, a

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

apresentação do ser humano com suas mazelas, suas verdades, seus medos” (2008, 8).

Nesse sentido, lembro que o estilo do autor alagoano Graciliano Ramos é marcado pela meticulosidade, pelo combate aos excessos, pela busca de um texto limpo e claro. Sua linguagem é enxuta, direta, sem rodeios nem excessos. Suas descrições e metáforas complementam-se, formando um todo completo, uma unidade, e o conto em análise não foge à regra.

Além disso, o texto de Mestre Graça é resultado de uma escrita ao mesmo tempo regional e universal, clássica e transgressora, que reflete tanto questões sociais quanto o drama íntimo de suas personagens. Corroborando essa ideia, Sérgio Silva afirma que o estilo do escritor está nos intervalos, entre a escrita da realidade social e as reflexões acerca do psiquismo humano:

[...] sua escrita [é levada] da realidade social ao psiquismo humano, da miséria nordestina à sua própria miséria, dos sintomas de suas personagens aos sintomas dele próprio, Graciliano Ramos. *Não há nada totalmente fora, nem totalmente dentro, porque o estilo do escritor está no intervalo desses lugares, no registro da travessia, no deslocamento, no abalo.* (2006, 34, grifos meus)

Em *A terra dos meninos pelados*, a aparente leveza – como bem salienta Moraes – traz consigo uma profundidade temática, visto que questiona valores sociais profundamente arraigados. Uma terra em que não anoitece, onde não chove, não há casas e na qual, sobretudo, as pessoas se aceitam como são, soa estranha aos olhos de Raimundo, ao mesmo tempo em que aponta para a possibilidade/desejo de mudança. A criança, habituada

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

às amarras do mundo real, não aceita facilmente o novo e todo tempo se chama “à realidade” à medida que vão lhe sendo apresentadas as novidades:

– Qual nada! Vira. Em Cambaracá ninguém ignora isto. Vá lá e pergunte. Vira para um lado – tudo fica no claro, a gente, as árvores, as rãs, os pardais, os rios e as aranhas. Vira para o outro lado – e não se vê nada, é aquele pretume. Natural. Todos os dias se dá. (TMP, 41)

– Que lugar! Não faz calor nem frio, não há noite, não chove, os paus conversam. Isto é um fim de mundo. (TMP, 45)

É importante mencionar que, apesar de estar num lugar cheio de perfeições, Raimundo se mostra o tempo todo preocupado em voltar para Cambaracá e reiteradamente fala da necessidade de terminar sua lição de Geografia. A personagem, que se recusa a mudar o seu nome – mesmo diante da insistência dos novos amigos – parece manter, desta forma, os “pés no chão”, mesmo estando diante de um ambiente fantasiado:

– Este lugar é ótimo, suspirou Raimundo. Mas acho que preciso voltar. Preciso estudar a minha lição de geografia. (TMP, 27)

– Nós nos esquecemos de perguntar como é que você se chama.
– Raimundo. Sou muito conhecido. Até os troncos, as laranjeiras e os automóveis me conhecem.
– Raimundo é um nome feio, atalhou Pirencio.
– Muda-se, opinou o anão.
– Em Cambaracá eu me chamava Raimundo. Era o meu nome. (TMP, 37)

Segundo Maria do Rosário Monteiro, não é porque a literatura é fantástica que ela se mostra isenta de problemas e defeitos encontrados no mundo real. De acordo com a autora, a literatura fantástica estabelece uma concreta relação com o real, visto que, mesmo ao fazer uso da linguagem dos sonhos ou dos símbolos, é da realidade que o texto literário parte e é a ela que ele chega (1990, 370). Os problemas que Raimundo vivencia no mundo real e que se devem a sua diferença física também aparecem no

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

mundo fantasiado de Tatipirun, mas no novo mundo dá-se uma nova perspectiva às diferenças, o que permite uma ressignificação destas por parte do protagonista.

Esta questão fica clara quando lanço meu olhar à personagem Sardento. Esta personagem segreda a Raimundo que tem um projeto, projeto curioso e que o povo de Tatipirun não compreende. Sardento, que como o próprio nome já sugere, tem a cara cheia de manchas, deseja obrigar todo mundo a ter manchas no rosto também:

- Quer ouvir o meu projeto? segredou o menino sardento.
- Ah! sim. Ia-me esquecendo. Acabe depressa.
- Eu vou principiar. Olhe a minha cara. Está cheia de manchas, não está?
- Para dizer a verdade, está.
- É feia demais assim?
- Não é muito bonita não.
- Também acho. Nem feia nem bonita.
- Vá lá. Nem feia nem bonita. É uma cara.
- É. Uma cara assim assim. Tenho visto nas poças de água. *O meu projeto é este: podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?*
- Para quê?
- *Ficava mais certo, ficava tudo igual.* (TMP, 47-48, grifos meus)

O incômodo do menino Sardento com a própria diferença nos remete ao incômodo sentido por Raimundo e que o faz fantasiar a Terra dos Meninos Pelados. E é no diálogo com Sardento que Raimundo parece se dar conta que a diferença não é um erro: *o erro está na atitude que as pessoas têm diante do diferente*. Esta aparente percepção da personagem aponta para a ressignificação e redirecionamento da angústia sentida em meio às zombarias das crianças do mundo real:

- Então você acha o meu projeto ruim?
- Para falar com franqueza, eu acho. Não presta não. Como é que você vai pintar esses meninos todos?
- Ficava mais certo?
- Ficava nada! Eles não deixam.

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

- Era bom que fosse tudo igual.
- *Não senhor, que a gente não é rapadura. Eles não gostam de você? Gostam. Não gostam do anão, do Fringo? Está aí. Em Cambaracá não é assim; aborrecem-me por causa da minha cabeça pelada e dos meus olhos. Tinha graça que o anão quisesse reduzir os outros ao tamanho dele. Como havia de ser?* (TMP, 50-52, grifos meus)

A criação de Tatipirun como um espaço de ressignificação da angústia fica ainda mais evidente diante da necessidade de Raimundo de voltar para o mundo real. Apesar de estar em uma terra em que só se anda para frente, na qual as pessoas não adoecem e as crianças não envelhecem, Raimundo precisa voltar para Cambaracá:

- Isto é agradável, murmurou Raimundo. Tudo alegre, cheio de saúde... A propósito, ninguém adoce em Tatipirun, não é verdade? (TMP, 43)
.....
- Isso mesmo. Fique com a gente. Aqui é tão bom...
– Não posso, gemeu Raimundo. Eu queria ficar com vocês, mas preciso estudar a minha lição de geografia. (TMP, 75)
.....
- É uma obrigação. Vou-me embora. Vou com muita saudade, mas vou. Tenho saudade de vocês todos, as pessoas melhores que já encontrei. Vou-me embora. (TMP, 75)

A aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados é, pois, finita. Mesmo gostando do lugar e se sentido acolhido nele, o protagonista sabe que precisa voltar para casa, necessidade marcada pela reiterada menção da lição de Geografia, mas já renunciada na recusa do garoto em mudar seu nome:

- Pirundo não quero.
- Então é Mundéu.
- Também não presta. Mundéu é uma geringonça de pegar bicho.
- Pois fica Raimundo mesmo. (TMP, 37-39)
.....
- Faz tolice, exclamou o tronco. Onde vai achar companheiros como esses que há por aí?

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

– Não acho não, seu Tronco. Sei perfeitamente que não acho. Mas tenho obrigações, entende? Preciso estudar a minha lição de geografia. Adeus. (TMP, 77)

Importante lembrar que Raimundo volta para Cambaracá, mas não volta igual. A sua rápida estadia em Tatipirun muda algo na criança e ela leva essa mudança para o mundo real, com a promessa de ensiná-la às pessoas de lá:

Quando eu estiver na minha terra, hei de me lembrar da princesa Caralâmpia, que tem um broche de vaga-lume e pulseiras de cobra coral. E direi aos outros meninos que em Tatipirun as cobras não mordem e servem para enfeitar os braços das princesas. Vão pensar que é mentira, zombarão dos meus olhos e da minha cabeça pelada. *Eu então ensinarei a todos o caminho de Tatipirun*, direi que as ladeiras se abaixam e os rios se fecham para a gente passar. (TMP, 76, grifos meus)

Posso, aqui, entender o caminho de Tatipirun como o caminho da aceitação e do respeito às diferenças. As mesmas diferenças que até os dias atuais são motivos de discórdia e violência em todo mundo. De forma magistral, Graciliano – já em 1939 – insere um conceito tão atual num texto direcionado às crianças, ao mesmo tempo em que não foge de sua recorrência a personagens com dificuldades de jogar/enfrentar o jogo da vida⁶. É esse ensinamento de aceitação que Raimundo leva de volta para Cambaracá: “Vou ensinar o caminho aos outros, falarei em tudo isto, na serra de Taquaritu, no rio das Sete Cabeças, nas laranjeiras, nos troncos, nas rãs, nos pardais e na guariba velha [...]” (TMP, 79).

Infiro ainda que, ao mesmo tempo em que percebe a possibilidade de mudança, Raimundo se dá conta da dificuldade de trilhar esse novo

⁶ Lembro, aqui, os protagonistas João Valério (*Caetés*), Paulo Honório (*São Bernardo*), Luís da Silva (*Angústia*) e de Fabiano (*Vidas Secas*), visto que todas as personagens citadas sucumbem ao caos social e nos exibem a angústia/dificuldade de se inserir no mundo.

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

caminho, uma vez que, apesar de nos constituirmos na diferença, temos dificuldade de aceitá-la e conviver harmoniosamente com ela, o que faz (muitas vezes) da alteridade um problema: “Vou ensinar o caminho de Tatipirun aos meninos da minha terra, mas talvez eu mesmo me perca e não mais acerte o caminho” (TMP, 80).

É possível afirmar que a aventura do menino Raimundo é uma metáfora da necessidade de mudança – seja de ideias, seja de perspectivas – acerca da diferença/semelhança. É no universo fantasiado de Tatipirun que o protagonista parece perceber a diferença como algo inerente ao humano e deixa de considerar a semelhança imprescindível.

Como bem salienta Heloisa Moraes, temos em *A terra dos meninos pelados* o verdadeiro papel da Literatura infantil, pois a criança foge do real por meio da imaginação e, depois, retorna à realidade. É assim que Graciliano Ramos questiona valores sociais: “[...] Tatipirun de Graciliano é a visão da felicidade possível só no imaginário, a qual tem de ser abandonada em nome de uma realidade que precisa ser enfrentada. Mas é também, para o leitor infantil, a percepção de que a realidade pode ser mudada e um mundo melhor pode existir” (2008, 9).

Se a utopia representa a inerente tentativa do homem em buscar ou criar um lugar perfeito para viver, Tatipirun cumpre bem o seu papel: apresenta à criança a possibilidade do novo, da mudança. Por meio da criação de um universo utópico, em *A terra dos meninos pelados* o autor alagoano critica as deficiências do presente, do universo de Cambacará, da não aceitação de Raimundo, ao passo que aponta uma saída: o respeito à inevitável diferença: “Por que é que não existem pessoas diferentes de nós?”

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

Se há criaturas com duas pernas e uma cabeça, pode haver outras com duas cabeças e uma perna” (2014, 71). A diferença é, assim, percebida como inevitável e não é negativa. Trata-se de algo problemático nas relações interpessoais, mas é ela quem regula a identidade e é a partir da diferença que se constrói o novo. Precisamos suportá-la.

Bibliografia

- Carvalho, Neusa Ceciliato de. *A viagem sem fim pelas terras dos meninos pelados: uma leitura psicanalítica*. Londrina, v. 13, n. 3: 180-185, set, 1992.
- Ceserani, Remo. *O fantástico*. Tradução Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed.UFPR, 2006.
- Foucault, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Editora Portugália, 1968.
- Freud, Sigmund. [1919]. *O estranho*. Tradução Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 2006, v. 17.
- _____. [1926 (1925)]. *Inibições, sintomas e ansiedade*. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro, Imago, E.S.B., 1996, v. 20.
- Kierkegaard, Soren A. *O conceito de angústia*. Tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Laplanche, Jean; Pontalis, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Levitas, Ruth. For Utopia: The (Limits of the) Utopian Function in Late Capitalist Society. In: GOODWIN, Barbara (ed). *The Philosophy of Utopia*. Tradução Nayara Macena Gomes e Gabriella Lins. London and Portland: Frank Class, 2001.

Um sonho chamado Tatipirun: a aventura de Raimundo pela Terra dos Meninos Pelados.

- Monteiro, Maria do Rosário. *A utopia na literatura fantástica: um exemplo*. Compilação das comunicações apresentadas no colóquio Utopia: mitos e formas. Lisboa, 1990.
- Moraes, Maria Heloisa Melo de. A coerência na literatura infantil de Graciliano Ramos. *Graciliano: Revista da Imprensa Oficial Graciliano Ramos*, ano I, nº 1, Maceió, set, 2008: 8 - 9.
- Ramos, Graciliano. *A terra dos meninos pelados*. Ilustrações Jean-Claude Ramos Alphen. 2 ed. Rio de Janeiro: Galera Junior, 2014.
- Rocha, Zeferino. *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta, 2000.
- Silva, Sérgio Antônio. *Papel, penas e tinta: a memória da escrita em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte, 2006, 221p. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.